



A CIDADE CREPÚSCULO: AMAMBAI, A VARIAÇÃO LEXICAL E A IDENTIDADE DO FALAR AMAMBAIENSE

THE TWILIGHT CITY: AMAMBAI, LEXICAL VARIATION AND THE IDENTITY OF AMAMBAI SPEECH

Lucas de Souza Machado (PPGEL/UFMS)¹
luccas.lsm02@gmail.com

Patrícia Graciela da Rocha (UFMS)²
patrigraciro@gmail.com

RESUMO: A presente pesquisa faz parte dos estudos de léxico e variação lexical de cunho exploratório intencionando observar as lexias utilizadas por indivíduos amambaienses e comparar os significados consultados nos dicionários com aqueles apresentados pelos colaboradores da pesquisa como usos linguísticos “típicos de Amambai”. O levantamento foi realizado contando com a colaboração de 20 informantes sendo: 5 homens e 5 mulheres na faixa etária de 18 a 40 anos e 5 homens e 5 mulheres de 41 a 60 anos, a fim de fazer um paralelo diageracional, contamos com a contribuição da plataforma Google Forms, compartilhada pelo aplicativo de mídia social WhatsApp em grupos de famílias dos moradores de Amambai-MS que os pesquisadores obtiveram contato. O suporte teórico utilizado na pesquisa são os estudos do léxico realizados por: Biderman (1984/ 1987/ 1998/ 1996 e 2001) e Costa e Isquerdo (2014), os Dicionários Online Houaiss e Caldas Aulete e os verbetes encontrados no Glossário de Termos Gauchescos – da Universidade Federal de Pelotas, o estudo realizado por Costa (2018), por Reznik (2018) e Cracco e Carvalho (2018). Dentre os resultados encontrados destacam-se as influências regionais que compõe o falar amambaiense, principalmente aquelas que advém do sul do país acompanhando o fluxo migratório que caracteriza formação/ocupação do centro-oeste brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico, Variação lexical, Regionalismo.

ABSTRACT: This research is part of the lexicon and lexical variation studies of an exploratory nature, with the intention of observing the lexemes used by individuals from Amambai and comparing the meanings consulted in dictionaries with those presented by the research collaborators as linguistic uses "typical of Amambai". The survey was carried out with the collaboration of 20 informants: 5 men and 5 women between the ages of 18 and 40 and 5 men and 5 women between the ages of 41 and 60. In order to draw a diagenational parallel, we relied on the contribution of the Google Forms platform, shared via the WhatsApp social media application in groups of families of Amambai-MS residents that the researchers came into contact with. The theoretical support used in the research is the lexicon studies carried out by: Biderman (1984/ 1987/ 1998/ 1996 and 2001) and Costa and Isquerdo (2014), the Houaiss and Caldas Aulete Online Dictionaries and the entries found in the Glossary of Gaucho Terms - from the Federal University of Pelotas, the study carried out by Costa (2018), by Reznik (2018) and Cracco and Carvalho (2018). Among the results found, the regional influences that make up the Amambaiense speech stand out,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Estudos de Linguagens (PPGEL) pela FAALC da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/ Campo Grande). Mestre em Letras, com ênfase em Sociolinguística Variacionista, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Campo Grande).

² Professora associada da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da UFMS/Campo Grande-MS. Docente permanente e vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL-UFMS).

especially those that come from the south of the country following the migratory flow that characterizes the formation/occupation of the Brazilian Midwest.

KEYWORDS: Lexicon, Lexical variation, Regionalism.

Introdução

Sabemos que o léxico de uma língua representa a cultura, a realidade, as crenças e a identidade de um povo. O presente estudo, acerca do léxico utilizado em Amambai-MS é fruto de uma inquietação do primeiro autor, nascido na cidade que, tendo convivido com a avó, pais e parentes falando um determinado vocabulário e, ao se mudar do lugar, percebe que algumas *lexias*³ já não eram mais parte do repertório linguístico de alguns integrantes mais jovens da família, ou seja, faziam parte do repertório linguístico das pessoas mais velhas. A partir dessa observação pessoal, buscamos com a pesquisa, em um primeiro momento, apresentar o contexto histórico da cidade de Amambai – MS; fazer um levantamento das unidades lexicais⁴ faladas pelos amambaienses nascidos no município, moradores ou ex-moradores (desde que tenham contato frequente com a cidade), sendo: 5 homens e 5 mulheres de 18 a 40 anos e 5 homens e 5 mulheres de 41 a 60 anos e analisar o significado que o colaborador dá para as *lexias* e como estas são tratadas nos dicionários consultados e, ainda, observar as influências linguísticas regionais dentro do que convencionamos chamar aqui de “léxico amambaiense”.

Objetivamos portanto: 1) observar as *lexias* utilizadas por amambaienses e compará-las com os dicionários consultados, quando possível, sobre os significados apresentados pelos colaboradores e aquilo que está, de fato, dicionarizado; 2) refletir sobre as influências regionais das *lexias* utilizadas pelos colaboradores da pesquisa, quando houver e; 3) refletir sobre a relação entre língua e identidade.

³ Adotamos o uso de *lexia* como sugere Biderman (1984): “Forma que um *lexema* assume no discurso. Ex.: “O dia está claro.” Temos aí quatro *lexias*. Em Lexicologia esse termo técnico se opõe a *lexema*; foi cunhado para evitar a imprecisão e ambiguidade de termos da língua comum, tais como: palavra, vocábulo” (p.140). “As formas que aparecem no discurso daremos o nome de *lexia*” (BIDERMAN, 2001, p. 169).

⁴ “Unidade vocabular tanto com respeito à significação como com respeito à forma gramatical, que tem um uso característico no discurso. Sinônimo de *lexema* (cf. essa palavra), ou de *lexia* (cf. essa palavra) conforme o contexto” (BIDERMAN, 1984, p. 144).

Para dar suporte teórico à pesquisa consultamos os trabalhos realizados por Biderman (1984/ 1987/ 1998/ 1996 e 2001) e Costa e Isquendo (2014) sobre lexicografia/lexicologia, o Dicionário Online Houaiss, o Dicionário Online Caldas Aulete e ainda, os verbetes encontrados no portal Glossário de Termos Gauchescos – da Universidade Federal de Pelotas, o estudo realizado por Costa (2018) e por Reznik (2018), Cracco e Carvalho (2018) e os dados geográficos e sociais acerca do Município de Amambai encontrados no Portal do IBGE (Instituto brasileiro de Geografia e Estatística), entre outros que se fizeram necessários. A pesquisa tem caráter exploratório e faz parte dos estudos acerca de do léxico e da variação lexical.

1. Contextualização histórica, geográfica e social do município de Amambai

O município de Amambai, região Centro-Oeste, situado no estado de Mato Grosso do Sul, está situado a 90 km de Ponta Porã e 50 km de Coronel Sapucaia (ambas cidades que fazem fronteira com o Paraguai).

O Município, de acordo com o Portal da Prefeitura do Município está localizado numa região de relevo levemente ondulado, predominando os “Campos de Vacaria” e “Mata de Dourados”. A população aferida no Censo de 2022 do IBGE era de 39.325 habitantes. Com uma área de 4 202,324 km², a densidade populacional em 2010 era de 8,26 habitantes por km². Na estimativa populacional realizada pelo IBGE em 1º de julho de 2014, a população era de 37 144 habitantes, resultando em uma densidade populacional estimada de 8,84 habitantes por km². Localiza-se a 1.375 km de Brasília, 359 km de Campo Grande, capital do Estado, sendo asfaltados os acessos de Ponta Porã a Amambai (93 km), de Mundo Novo a Amambai (162 km) e asfaltados de Caarapó a Amambai (77 km).

De acordo com o portal do IBGE (2021, online), a constituição história do atual município de Amambai se inicia com a chegada do bandeirante Aleixo Garcia,

Entretanto seu povoamento se iniciou por volta de 1580 com o estabelecimento das missões jesuítas espanholas. A reunião de Portugal e Espanha sob o governo de uma só coroa, além de invalidar o Tratado de Tordesilhas, permitiu que as missões jesuítas ampliassem sua zona



de influência em direção ao nascente, buscando uma saída para o litoral; situação que não agradava aos habitantes coloniais do Brasil. Por este motivo, em agosto de 1628, Antônio Raposo Tavares organizou uma bandeira e partiu em direção às missões jesuítas sediadas em Guaíra, destruindo-as completamente. Houve revanche por parte dos adversários e por isso, os embates bélicos entre bandeirantes e castelhanos se prolongaram por muitos anos, na região sul da província, agravando-se com o rompimento dos Tratados de 1750. Em vista da situação, D. Luiz de Souza, Capitão-General de São Paulo fundou uma fortaleza em Iguatemi, denominando-a de Colônia Militar de Iguatemi, a qual se manteve até 1777, quando foi atacada por forças castelhanas a mando de Agostinho Fernandes de Pinedo, Governador do Paraguai. O Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, veio por fim aos choques armados. A partir de 1882, Thomas Laranjeira conseguiu, por intermédio do Barão de Maracaju, uma concessão do Governo Imperial para colher erva-mate nos terrenos devolutos da fronteira com o Paraguai. Os trabalhos da Cia. Mate Laranjeira começaram em 25-07-1833, quando fincaram-se os esteios do primeiro arranhamento à margem do Rio Verde. Com o monopólio da extração da erva-mate, Laranjeira firmava o povoamento da região do Amambai, ligando seu nome à sua história. Em 1913, o Governo do Estado, por solicitação do Cel. Valêncio de Brum, líder político na região, concedeu uma gleba de terras para a formação do povoado, que tomou inicialmente a denominação de Patrimônio da União, posteriormente Vila União, atualmente cidade de Amambai.

Atualmente, uma das características marcantes da cidade de Amambai é sua pluralidade cultural. “Contando com indivíduos de diferentes regiões do Brasil e de outros países – principalmente do Paraguai – e de diferentes etnias formam o mosaico cultural amambaienses” (CRACCO & CARVALHO, 2018, p.13). Essa pluralidade, oriunda do contato de outras culturas e dos movimentos migratórios, faz com que a cidade de Amambai tenha uma profusão de culturas que se reflete nas influências dentro do léxico. Até mesmo o apelido da cidade de Amambai, cidade Crepúsculo, é dado por causa da mistura de cores e tons do dia, nos remetendo também a pluralidade, traço marcante do município. “[...]o carinhoso apelido de Cidade Crepúsculo: a mistura das cores vespertinas e noturnas formam tonalidades novas e intensas que se destacam e são únicas; assim também o seu povo, plural e singular ao mesmo tempo” (CRACCO & CARVALHO, 2018, p.13 e 14).

É importante destacar que a cidade de Amambai começou a ser povoada também por não indígenas e, de acordo com Cracco e Carvalho (2018):

Antes do atual nome, a região foi batizada de Nhú Vera, Patrimônio União e Vila União. Com os trabalhos da Comissão de Limites e a subsequente exploração da erva-mate na região, com destaque para a Empresa Matte Laranjeira, diversos grupos passaram a se fixar no território.” No início do século XX, já era um conhecido local de passagem dos carreteiros de erva-mate. Diversas famílias de pioneiros da cidade chegaram nos primeiros anos do século XX. O município de Ponta Porã foi criado em 1912 e Amambai se tornou Distrito de Paz em 1914. Com o desenvolvimento dos povoados da região na Era Vargas, o município de Amambai foi finalmente criado em 1948, como podemos ver na Lei nº 131, de 28 de setembro de 1948, que "dispõe sobre a criação do Município de Amambai" (CRACCO & CARVALHO, 2018, p.16)

A seguir, após a contextualização sobre a cidade de Amambai, faz-se pertinente traçar o percurso teórico-metodológico de pesquisa para dar maior clareza acerca do pretendido.

2. Percurso teórico-metodológico de pesquisa

O léxico amambaiense é parte da sua cultura e por conta disso a pesquisa torna-se relevante, uma vez que “o léxico é o acervo vocabular de uma língua, utilizado pelo homem para nomear a realidade ao seu redor, transmitir ideias e mesmo para organizar pensamentos” (COSTA e ISQUIERDO, 2014, p.1). Além disso, as unidades lexicais são evidências linguísticas da perpetuação de uma cultura, isto é, “as palavras permanecem através do tempo entesouradas por uma cultura e transmitidas de geração a geração” (BIDERMANN, 1998, p. 90) e essa preservação dos usos linguísticos entre as gerações constituem a cultura e evidenciam a particularidade de um povo, mesmo um povo tão plural como é o povo amambaiense. Ademais, concordando com Biderman:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser

considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo (BIDERMAN, 1987, p. 81).

E, por isso, por ser parte da realidade, registra a identidade do povo e com isso colabora com o sentimento de fazer parte, de pertencer criando um “universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88).

A partir desse escopo teórico, fizemos a seguinte pergunta aos participantes desta pesquisa: “Quais das palavras ou expressões a seguir você usa ou já ouviu alguém usando e sabe o significado? E que, além disso, acha que todo amambaiense conhece, ou seja, faz parte da cultura e da vida de todo amambaiense?”.

A partir das respostas a essa pergunta, pretendíamos não só perceber a variação lexical dos moradores de Amambai-MS mas observar como eles compreendem seu repertório. Para tanto, em um primeiro momento, para a pesquisa de cunho exploratório, elaboramos um formulário-piloto utilizando a ferramenta Google Forms e o disponibilizamos por meio do aplicativo WhatsApp. Com base no formulário-piloto os demais informantes foram respondendo e acrescentando mais lexias.

Em um segundo momento, organizamos a geração dos dados da pesquisa a partir das células sociais (sexo e idade) da seguinte forma: 10 homens e 10 mulheres; 5 homens de 18 a 40 anos e 5 mulheres de 18 a 40 anos. Ainda, 5 homens de 41 a 60 anos e 5 mulheres de 41 a 60 anos.

E em um terceiro momento, selecionamos do material teórico que embasou a análise dos dados gerados: Biderman (1984/ 1987/ 1998/ 1996 e 2001), Cracco e Carvalho (2018), Reznik (2018); a consulta aos dicionários Houaiss e Caldas Aulete online, ao Glossário de Termos Gauchescos da UFPEL e à Tese de Doutorado da Dra. Daniela de Souza Silva Costa que elaborou o vocabulário dialetal do Centro-oeste, e o site do IBGE.

Em um quarto momento, não menos importante, reunimos em forma de tabela e analisamos os dados obtidos e, por fim, tecemos algumas considerações finais da pesquisa.

3. Apresentação e análise dos dados: As lexias coletadas


A seguir, apresentamos as análises das unidades lexicais que, por meio do WhatsApp, os colaboradores nos informaram que são usadas na fala dos moradores de Amambai e que são, de acordo com eles, características da fala local. Entre os dados coletados com os 20 informantes, selecionamos, para compor o inventário a seguir, apenas aquelas unidades lexicais usadas por mais de um colaborador.

Tabela 1 – (Inventário de unidades lexicais)

| UNIDADES LEXICAIS | SIGNIFICADOS POSSÍVEIS Apresentados pelos próprios falantes | USOS DE HOMENS E MULHERES DE 18 A 40 ANOS | USOS DE HOMENS E MULHERES DE 41 A 65 ANOS |
|-------------------|---|---|---|
| 1. Abrigo | 1) Sinônimo de moletom de frio. 2) Sinônimo de refúgio. | 6 | 10 |
| 2. Ala puxa | 1) Algo difícil. 2) Admiração. | 10 | 10 |
| 3. Alagranputa | 1) Lugar muito longe. | 5 | 8 |
| 4. Alas | 1) Expressão equivalente a “Meu Deus”. | 10 | 10 |
| 5. Apear | 1) Sinônimo de descer, descer do carro, da moto, do cavalo, entre outros. | 6 | 10 |
| 6. Arfoge | 1) Sinônimo de mala de viagem. | 3 | 7 |
| 7. Assuntar | 1) Sinônimo de perguntei, quis saber. | 2 | 7 |
| 8. Azucrinar | 1) Sinônimo de incomodar. | 5 | 7 |
| 9. Bah bueno | 1) Sinônimo de “muito bom”. | 2 | 7 |
| 10. Bah! | 1) Admiração. 2) Espanto. | 10 | 10 |
| 11. Baita | 1) Sinônimo de grande. | 10 | 10 |
| 12. Bardar | 1) Sinônimo de mimar. | 6 | 10 |
| 13. Bem de ansim | 1) Equivale a “assim mesmo”. | 2 | 8 |
| 14. Binga | 1) Sinônimo de isqueiro. | 6 | 9 |



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 15 • Número 43 • Jun 2025
 <http://dx.doi.org/10.61389/sociodiaeto.v15i43.8327>

| | | | |
|-----------------------------------|---|----|----|
| 15. Bocó | 1) Pessoa com dificuldade de compreensão. | 10 | 10 |
| 16. Bombeia/ bombear > bombeá | 1) Sinônimo de olhar. | 2 | 7 |
| 17. Bordoada | 1) Soco. Bater violentamente | 3 | 10 |
| 18. Breque | 1) Semelhante a freio. | 5 | 10 |
| 19. Bueno | 1) Sinônimo de “bom”. | 5 | 8 |
| 20. Caborteiro | 1) Pessoa que foge de algo a que foi designado. | 3 | 7 |
| 21. Cair os butiá dos bolsos | 1) Expressão usada para situações de muito espanto, admiração. | 2 | 7 |
| 22. Camaçada | 1) Sinônimo de “muito”. | 3 | 10 |
| 23. Cambada | 1) Coletivo de pessoas (pejorativamente). | 10 | 10 |
| 24. Campear | 1) Sinônimo de procurar. | 6 | 10 |
| 25. Carnear | 1) Matar a vaca e assa-la, churrasco. | 5 | 10 |
| 26. Cestear | 1) Sinônimo de cochilar. | 5 | 10 |
| 27. Chapa | 1) Raio-X; 2) Dentadura. | 2 | 10 |
| 28. Cheio de nove horas | 1) Com muita dificuldade, delicadeza, “frescura”. | 6 | 10 |
| 29. Chimite | 1) Sinônimo de “beleza”, “ok”. | 2 | 10 |
| 30. Coça | 1) Sinônimo de apanhar. | 6 | 10 |
| 31. Coisarada | 1) Muitas coisas | 3 | 10 |
| 32. Cupincha | 1) Serviço fiel, empregado. | 5 | 7 |
| 33. De ameia | 1) Sinônimo de metade. 2) Fazer sociedade. | 6 | 10 |
| 34. De já hoje | 1) Equivale a “agora a pouco”. | 6 | 10 |
| 35. De varde | 1) Sinônimo de “à toa”. | 6 | 10 |
| 36. Desacorçoar/ desacorçoado | 1) Perdido, triste, cabisbaixo | 5 | 10 |
| 37. Devereda | 1) Algo rápido. | 8 | 10 |
| 38. Encarnado/ encarnar/ encarnou | 1) Sinônimo de incomodar. | 4 | 10 |
| 39. Encasquetado/ encasquetar | 1) Preocupado, pensativo | 5 | 7 |
| 40. Entrevero | 1) Misturas; 2) Confusões. | 6 | 10 |
| 41. Escoxeringou | 1) Estragou. | 2 | 6 |
| 42. Escrachado | 1) Sinônimo de debochado; 2) Sinônimo de extremamente engraçado. | 0 | 2 |




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 15 • Número 43 • Jun 2025
doi <http://dx.doi.org/10.61389/sociodiaeto.v15i43.8327>

| | | | | |
|-----|-------------------------|--|----|----|
| 43. | Espichar | 1) Crescer | 10 | 10 |
| 44. | Espicular/ espicula | 1) Pessoa muito curiosa. 2) Perguntar. 3) Fofocar. | 6 | 10 |
| 45. | Espinhaço | 1) Sinônimo de coluna. | 3 | 10 |
| 46. | Extrupiado > Estropiado | 1) Algo estragado. | 6 | 7 |
| 47. | Fiasco/ fiasqueira(o) | 1) Sinônimo de vexame, algo vergonhoso. | 4 | 10 |
| 48. | Garrão | 1) Sinônimo de calcanhar (a parte do corpo). | 4 | 10 |
| 49. | Gatuno | 1) Sinônimo de esperto. | 2 | 7 |
| 50. | Gibeira | 1) Sinônimo de bolso da roupa. | 3 | 8 |
| 51. | Gozado | 1) Sinônimo de engraçado. | 2 | 7 |
| 52. | Guaieca | 1) Pequeno, usado geralmente para cachorros pequenos. | 2 | 10 |
| 53. | Guampa | 1) Equivale à cuia de tereré, não de chimarrão. 2) Sinônimo de chifre de touro/vaca. 3) “Chifre” de traição. | 10 | 10 |
| 54. | Guri/ piá/ piazote | 1) Menino. | 10 | 10 |
| 55. | Há de sê! | 1) “Há de ser” – vir a ser. 2) Sinônimo de “nunca”. 3) Dúvida. | 5 | 10 |
| 56. | Há que vê | 1) Sinônimo de “Meu Deus”. | 5 | 10 |
| 57. | Infarosa | 1) Sinônimo de ruim, mal caráter. 2) Sinônimo de invejosa. | 4 | 10 |
| 58. | Inticar | 1) Sinônimo de incomodar/perturbar. | 7 | 10 |
| 59. | Jacu | 1) Pessoa tímida. | 10 | 10 |
| 60. | Jaguara | 1) Sinônimo de cachorro. | 6 | 8 |
| 61. | Japona | 1) Sinônimo de casaco/jaqueta. | 6 | 10 |
| 62. | Judiaria | 1) Fazer mal a alguém. | 5 | 10 |
| 63. | Lagartear | 1) Tomar sol. | 9 | 7 |
| 64. | Lazarento | 1) Pessoa ruim. | 6 | 10 |
| 65. | Légua | 1) Lugar longe. | 5 | 7 |
| 66. | Levado à breca | 1) Sinônimo de feito de qualquer jeito. | 3 | 10 |
| 67. | Lograr /logranu | 1) Lograr > Sinônimo de “roubo”. | 7 | 10 |
| 68. | Mas capaz | 1) Equivale a “não é assim”. 2) Equivale a “não precisa”. | 10 | 10 |
| 69. | Mas credo | 1) Equivale a nossa. 2) Algo ruim. | 10 | 10 |



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialectológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 15 • Número 43 • Jun 2025
 <http://dx.doi.org/10.61389/sociodiaeto.v15i43.8327>

| | | | | |
|------|-----------------------|---|----|----|
| 70. | Mas que tal | 1) Equivale “já pensou nisso?”. | 5 | 10 |
| 71. | Me arreputa | 1) Enjoativo | 5 | 10 |
| 72. | Me négo | 1) Não farei. | 6 | 7 |
| 73. | Moqueado | 1) Mal limpo. | 3 | 7 |
| 74. | Nicra | 1) Sinônimo de dinheiro. | 5 | 7 |
| 75. | No tempo da antipatia | 1) Período menstrual da mulher. | 3 | 7 |
| 76. | Pataquadas | 1) Bagunça, desorganizada. | 5 | 10 |
| 77. | Pila | 1) Sinônimo de dinheiro. | 2 | 7 |
| 78. | Pinchar | 1) Jogar fora | 3 | 7 |
| 79. | Piola | 1) Alguém esperto, astuto. 2) Corda; | 2 | 8 |
| 80. | Pisa | 1) Apanhar fisicamente, surra. | 8 | 10 |
| 81. | Pisca | 1) Seta do carro | 10 | 10 |
| 82. | Posar | 1) Dormir em algum lugar. | 10 | 10 |
| 83. | Pura bucha | 1) Algo estranho. | 10 | 10 |
| 84. | Quedele? | 1) O mesmo que “Cadê?”. | 5 | 7 |
| 85. | Ratear | 1) Sinônimo de reclamar. | 6 | 10 |
| 86. | Reinar | 1) Referindo-se a animais, significa: bravo ou no cio. 2) Referindo-se a pessoas, significa: reclamando. | 6 | 10 |
| 87. | Renguear | 1) Sinônimo de mancar, ter problemas na perna. | 4 | 10 |
| 88. | Samongó | 1) Bobo, com dificuldades de compreensão. | 4 | 7 |
| 89. | Sapear | 1) Observar | 4 | 7 |
| 90. | Sapeca | 1) Sinônimo de bagunceiro. 2) Sinônimo de engraçado. | 8 | 10 |
| 91. | Soltar os cachorro | 1) Sinônimo de ficar extremamente irritado/ zangado. | 8 | 10 |
| 92. | Tá a perigo | 1) Solteiro(a). | 2 | 7 |
| 93. | Tá de amargar | 1) Ser difícil ou complicado. | 2 | 7 |
| 94. | Taca-lhe pau | 1) Sinônimo de “faça mesmo”. 2) Sinônimo de “isso mesmo”. | 2 | 7 |
| 95. | Taio | 1) Sinônimo de corte, pedaço. | 5 | 7 |
| 96. | Tresontonte | 1) Sinônimo de antes de anteontem. | 4 | 7 |
| 97. | Tropicão | 1) Sinônimo de tropeçar. | 4 | 10 |
| 98. | Tu se anima? | 1) Sinônimo de “você tem coragem?”. | 2 | 7 |
| 99. | Veiaço (velhaco) | 1) Esperto, astuto. | 4 | 7 |
| 100. | Virar os arreio | 1) Ficar bravo ou irritado. | 6 | 7 |
| 101. | Vivente | 1) Sinônimo de pessoa. | 5 | 7 |

| | | | |
|-------------|---------------------------------|---|----|
| 102. Xispa | 1) Ordem de saída. | 5 | 10 |
| 103. Zarpar | 1) Sair fugido, sair sem aviso. | 5 | 7 |

Foram obtidas, com a coleta dos dados, 103 unidades lexicais que os falantes julgaram fazer parte da cultura e da vida de todo amambaiense, mesmo que sofrendo influências de outras regiões. Dentre os 103 resultados, observamos 3 “grupos” de lexias. O primeiro grupo, as lexias unânimes totais (realizadas por informantes tanto de 18 a 40 anos, quanto de 41 a 60, homens e mulheres); o segundo grupo, as lexias unânimes parciais (os colaboradores de 41 a 60 anos, homens e mulheres); E o terceiro grupo, o que chamamos de diversos, por não terem um padrão de comportamento entre os seus usuários.

Com base na tabela 1, recortamos, para fins de análise⁵ aquelas lexias destacadas em verde, ou seja, aquelas que foram unânimes totais, visto que para todos os informantes essas unidades lexicais são parte do repertório amambaiense, ou seja, são marcas da identidade local.

LEXIA 1: ALA PUXA

A expressão “Ala puxa” parece ser uma expressão bastante utilizada do município de Amambai-MS, significa “1) Algo difícil; 2) Admiração “. Considerando que não encontramos referência no glossário gaúcho como encontramos em outras lexias e também nenhuma referência no vocabulário dialetal do Centro-oeste elaborado pela pesquisadora Dra. Daniela de Souza Silva Costa em sua tese de doutoramento.

Também não encontramos entradas dicionarizadas, nem no Aulete, nem no Houaiss, contudo, a expressão “ala puxa” é entendida por esta pesquisa como uma expressão regional não só amambaiense, visto que existe, por exemplo, músicas gaúchas⁶ com essa expressão. Portanto, em relação a essa lexia não podemos considerá-la como

⁵ Evidenciando a necessidade de continuação, visto que várias unidades lexicais são utilizadas pelos mais velhos em unanimidade e, por isso, foram destacadas de alaranjado na tabela, para uma próxima investigação de caráter talvez diageracional

⁶ Ver a música “Ala pucha tchê”, do grupo “Os Serranos”. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/os-serranos/122692/>

uma marca linguística exclusiva de Amambai, mas concordamos que faz parte da linguagem de Amambai, por conta de sua construção cultural. É possível que essa expressão tenha vindo para o lugar com os migrantes gaúchos que passaram a ocupar a região centro-oeste brasileira a partir da segunda metade do século XX e, com o passar do tempo, “se espalhou” para todos os falantes locais deixando de ser identificada como uma marca regional gaúcha e passando a ser reconhecida como uma marca da fala local.

LEXIA 2: ALAS

O “Alas”, para os colaboradores desta pesquisa, é entendido como uma expressão equivalente a “meu Deus”, não é uma unidade lexical especificamente amambaiense, visto que é bastante conhecida em toda a região do Mato Grosso do Sul.

Não há entradas nos glossários regionais, mas, o dicionário Caldas Aulete traz a lexia como um advérbio próprio da região de Minas Gerais: “(Bras., Minas Gerais) alter. de aliás, proferido álias”. No dicionário Houaiss ele é tratado como uma interjeição: “para exprimir sentimentos como alegria, medo, surpresa”.

Logo, consideramos que o “alas” seja parte também da linguagem do amambaiense, porém, não podemos afirmar que seja apenas da cidade de Amambai-MS ou dos falantes nascidos lá, considerando as informações obtidas nos dicionários consultados. Entretanto, considerando que a palavra é registrada no dicionário Caldas Aulete como um brasileirismo encontrado no estado de Minas Gerais, podemos supor que tal lexia também tenha sido “trazida” para o lugar por meio dos imigrantes dessa região que também migraram para Mato Grosso do Sul durante o grande fluxo migratório que marcou a ocupação do centro-oeste brasileiro a partir da segunda metade do século XX como já mencionamos anteriormente.

LEXIA 3 – BAH

Acreditamos que a lexia “Bah” seja uma abreviação da lexia “barbaridade” muito comum no dialeto gaúcho também e, por conta da influência sulista no município, seus moradores a usam com bastante frequência.

No glossário gauchesco, a entrada “bah” traz os seguintes significados: “interj. Exprime espanto, surpresa, admiração, ou não precisa exprimir nada, fazendo parte da conversação cotidiana do gaúcho. Expressões como: Mas báh, tchê, sempre depois do mas e antes do tchê” (LOPES NETO, s/d).

O dicionário Houaiss traz o significado de surpresa, admiração e espanto, ou desaprovação tal qual para o dicionário Caldas Aulete menciona: “interj. || (Bras., Rio Grande do Sul) com que se exprime espanto. *Bah!* **BAHARI**, *s. m.* grafia antiga de *bafari*. [...] [Nota: A atualização da grafia seria *baari* (cf. *Voc. Acad. Lisb.*)”.

Percebemos nesta unidade lexical mais uma vez a influência do sul do país, corroborando para que mais esta lexia seja parte da característica da língua do amambaiense, embora não seja exclusivamente dos falantes nascidos em Amambai.

LEXIA 4 – BAITA

Para os colaboradores desta pesquisa o “baita” é tido como sinônimo de grande e extenso. Para os dicionários Caldas Aulete e Houaiss é tido como adjetivo que se refere a algo muito grande, imenso, desenvolvido, cheio de bravura, destemido.

Não há entradas nos glossários regionais consultados. Por conta desta lexia aparecer no dicionário Houaiss e no Aulete, podemos sugerir que não é de uso exclusivo do povo amambaiense embora seja reconhecida como uma marca do falar local por seus falantes, ou seja, evidentemente constitui parte da sua cultura uma vez que é bastante utilizada por essa comunidade.

LEXIA 5 – BOCÓ

Para o dicionário Houaiss a lexia bocó é um substantivo masculino que remete a: bolsa ou assemelhado (alforje, maleta, sacola, embornal etc.) feitos de couro rústico, ainda com o pelo do animal, para carregar objetos vários, como canivete, fósforos, fumo, farnel etc.

Para o dicionário Aulete essa lexia consta como “aquele que é bobo, parvo”. Curiosamente a lexia “bocó” para os amambaienses não remete a bolsa/bolso/recipiente

e apenas é utilizado no sentido de adjetivo àquele que é bobo, tolo, com dificuldade de compreensão.

De acordo com o glossário gauchesco consultado “BOCÓ s. é adj. Bobo, tolo, pateta, boboca, acriançado, lorpa. || Pequena bolsa de couro cru ou de fazenda, usada a tiracolo. Bernal”.

De toda forma, a lexia também não é oriunda especificamente do povo amambaiense, considerando que há referência em dicionários e glossários regionais, evidenciando que essa unidade lexical é adotada em Amambai também por conta da influência de outras regiões conforme já mencionamos anteriormente.

LEXIA 6 – CAMBADA

Para os colaboradores desta, o significado(s) é: 1) Coletivo de pessoas (pejorativamente); 2) Grupo. Para o Houaiss, cambada significa um substantivo feminino que indica quantidade de objetos, grande porção, grupo, bando.

Não há significado obtido a partir da consulta dos Glossários regionais. Embora remeta a coletividade o amambaiense não utiliza a lexia “cambada” para designar grandes porções, como sugere o Houaiss, e sim quando quer designar um grupo de pessoas de maneira a criticar. “Que cambada de gente...”.

Ainda assim, essa lexia também compõe o falar amambaiense, mas não configura como uma unidade lexical própria dos falantes moradores de Amambai por ser de uso generalizado no Brasil.

LEXIA 7 - ESPICHAR

Os colaboradores significaram a lexia “espichar” como: 1) Crescer, alongar. Para o dicionário Houaiss é um verbo que conta com 16 (dezesesseis entradas):

Verbo

1. Fazer uma enfiada (com peixes), passando o fio pelas suas guelras <e. sardinhas para defumá-las>
- 2 fazer furo em pipa, barril etc., para extrair líquido <e. um tonel de vinho>
- 3 esguichar (líquido) através de furo <o vinho espichava pelo furo>
- 4 tornar mais longo; esticar, alongar <e. um elástico>
- 4.1 <e. a conversa> <o papo espichou-se até altas horas>

- 5 alisar (no sentido de 'desencrespar') <e. os cabelos> <tinha cabelos encaracolados, depois eles espicharam>
- 6 aumentar a tensão de (corda, fio etc.); esticar <e. uma corda até rebentar>
- 7 esticar (couro) para proceder à secagem <não espicharam bem este couro>
- 8 crescer, ficar mais alto <como esse menino espichou!>
- 9 colocar (algo) aberto ou ao comprido, sem dobras ou rugas; esticar, estender <e. o lençol na cama>
- 10 (prep.: em) deitar(-se) relaxadamente; estirar(-se), refestelar(-se) <chegou e espichou(-se) no sofá>
- 11 (prep.: para) fazer (uma parte do corpo) tomar a direção de (ruído, algo atraente, comida etc.) <espichou as orelhas para ouvir nossa conversa> <e. o pescoço para o jornal do vizinho> <e. os olhos para a vitrine de doces>
- 12 morrer <quem espichou aqui?>
- 13 assassinar, matar <o bandido espichou o concorrente>
- 14 (prep.: em); deixar ou ficar (alguém) embatucado, atrapalhado, sem resposta <o professor espichou o aluno> <o aluno espichou-se no exame>
- 15 (prep.: em) cometer erro; fazer fiasco, ser malsucedido em arguição <queira Deus que eu não me espiche hoje no exame oral> <e.-se na prova escrita>
- 16 levar a melhor numa discussão; vencer (o oponente) <nesse assunto o João não me espicha.

Não há entradas acerca da lexia “espichar” nos glossários regionais consultados.

O termo espichar para os amambaienses é verbo e tem a ver especificamente com alongar-se ou crescer. “Espichar um assunto”, “esse menino espichou”. Portanto, o amambaiense faz um uso muito específico da unidade lexical considerando os diversos usos extraídos do dicionário Houaiss, contudo, não é possível afirmar que “espichar” é próprio de Amambai, uma vez que há entradas no dicionário geral de língua.

LEXIA 8 - GUAMPA

Para os colaboradores da pesquisa a lexia significa: “1) Equivale à cuia de tereré; 2) Sinônimo de chifre de touro/vaca; 3) “Chifre” de traição”. O glossário de termos gaúchos menciona: “GUAMPA, s. Chifre, corno, aspa. || Chifre preparado para ser usado como copo ou como vasilha para guardar líquidos” (NETO, s/d), não traz a especificidade da lexia “guampa” como recipiente em que se põe a erva para se tomar o tereré especificamente como é o uso tido em Amambai em que a guampa não é usada para

qualquer líquido ou sinônimo de vasilha e sim estritamente como uma cuia, um copo feito pelo chifre do touro para se tomar o tereré, bebida gelada e típica da região.

Para os dicionários Aulete e Houaiss a *lexia* é mencionada como: “corno (no sentido de 'apêndice ósseo; corno, chifre talhado em forma de copo ou vasilha para líquidos; guampo/ a testa, a cabeça/ aguardente de cana; cachaça”.

Trata-se de uma *lexia* que também sofre influência regional do sul do país e que constitui o léxico amambaiense apontando mais uma vez para a pluralidade cultural que compõe o cenário local.

LEXIA 9 - GURI/ PIÁ/ PIAZOTE

As unidades lexicais “guri”, “piá” e “piazone” foram tidas pelos colaboradores como sinônimas e significam “menino”.

A *lexia* “guri” para o dicionário Houaiss é tido como brasileirismo e etimologicamente: “tupi *gwĩ'ri* no sentido de 'bagre marinho'; [...] no caso do sentido figurado, teria confusão com um tupi *guĩrĩ*, que queria dizer ‘pequeno, criança’”.

Para a *lexia* “piá”, Houaiss afirma: “segundo Nascentes⁷, do tupi *pi'a* no sentido de 'coração, estômago, entranhas, ventrecha, miúdos'; produto das entranhas”.

Para Aulete “piá” e “guri” são de fato sinônimos pois estão na mesma entrada dicionarizada, a saber:

“s. m. || (Bras.) caboclinho. || Índio jovem. || (Rio Grande do Sul) Qualquer menor que, não sendo branco, ou pertencendo a classe baixa, trabalha como peão de estância. [As meninas da mesma cor ou classe chamam *chininha*.] || (P. ext.) Menino, garoto, **guri**. F. tupi e guarani.” (grifo nosso).

A unidade lexical “piazone” é “s. m. || (Bras., Rio Grande do Sul) pequeno piá. [As vezes tem valor aumentativo ou irônico.] F. *Piá*.”, de acordo com o dicionário online Caldas Aulete.

De acordo com Costa e Isquardo (2014):

O caso do item lexical *guri*, com forte presença no Centro-Oeste, sobretudo em Campo Grande e em Cuiabá e com tendência de fixação

⁷ Referência ao *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1961-1967).



em Goiânia, e nas três capitais do Sul, sobretudo em Florianópolis e com índices de dispersão pelo Sudeste, em especial na capital Belo Horizonte. Curiosamente, foi registrado em Macapá com três ocorrências. Já piá se concentra no Sul do Brasil, Curitiba e Florianópolis (p.05).

Expandindo a proposta das autoras supramencionadas, destacamos, por conta deste trabalho, que as lexias “guri, gurizote, piá e piazote” são utilizadas em Amambai como em outras localidades do estado de Mato Grosso do Sul mais uma vez por influências da cultura gaúcha e sinonimizam menino, garoto.

LEXIA 10 – JACU

Para os colaboradores da pesquisa “jacu” tem significado(s) de: 1) Pessoa tímida, retraída. Já para o Dicionário Houaiss é além de uma pessoa tímida e matuta, uma ave galiforme que se alimenta de frutas, folhas e brotos.

Concordando com o Houaiss e com a significação fornecida pelos colaboradores, o glossário regional da região sul, glossário de termos gauchescos traz jacu como “s. Denominação comum a várias aves galiformes, frequente nas matas primitivas do Brasil. || adj. Meretriz. || Também: sujeito boçal e/ou desajeitado; tanso, tolo, bobo, tonto”. Mais uma vez evidenciando a pluralidade da cultura amambaiense e a perpetuação desses significados entre as gerações que também sofrem com as influências regionais.

A lexia “Jacu”, ressaltado, é utilizada pelos colaboradores apenas com o sentido de sujeito desajeitado, tímido, não a ver com aves e similares.

LEXIA 11 - MAS CAPAZ/ BEM CAPAZ

O significado(s) destas lexias para os colaboradores são: 1) Equivale a “não é assim”; 2) Equivale a “não precisa”, “de nada”. No Dicionário Houaiss e no Aulete não há entradas e tampouco nos glossários consultados, mas de toda forma, essa expressão nos parece ser comum a toda região de Mato Grosso do Sul como uma interjeição “bem capaz, mas capaz”, e nos parece também ser influenciada pela cultura gaúcha visto que remeta e assemelhe-se ao “capaz” de “capaz guri”, embora também não haja entradas nos dicionários e nem nos glossários para a lexia “capaz” ou similares.

LEXIA 12 - MAS CREDO

O significado(s) desta lexia para os colaboradores equivale a “nossa!”. No Dicionário Houaiss e no Aulete e nos glossários consultados não há entradas para a unidade lexical “mas credo”, contudo, essa expressão também, bem como “mas capaz” e “bem capaz” nos parece ser comum a toda região de Mato Grosso do Sul como uma interjeição, impossibilitando dizer que é exclusiva ou específica da cidade de Amambai.

LEXIA 13 – PISCA

De acordo com o dicionário Houaiss, a lexia “pisca” é: “1- coisa muito pequena, 2- pequeno grão; grânulo, 3- matéria reduzida a pó, 4- fagulha, faúlha”. Há também “pisca-alerta” trazido pelo Houaiss:

Masculino – num veículo automotor, dispositivo elétrico que faz sinalizar simultaneamente os piscas-piscas, como sinal de alerta para outros motoristas ou transeuntes com relação a perigosos de trânsito, mal funcionamento do motor, etc;

Contudo a lexia “pisca” que os amambaienses usam para fazer referência à seta luminosa do carro/moto para conversão à esquerda/direita difere da unidade lexical “pisca-alerta”, de toda forma, entendemos que “pisca” é a referência ao sinal luminoso que o carro faz para convergir à esquerda ou direita e que não se pode afirmar que seja lexia utilizada ou nascida pelo uso dos amambaienses, uma vez que “pisca” é apenas um signo linguístico adotado pelos amambaienses de maneira bem acentuada, para evidenciar o alerta que o carro faz em direção no trânsito.

LEXIA 14 - POSAR (POUSAR)

O uso de “pousar” é bastante conhecido no Brasil todo como referência à pernoitar, assim como é para os amambaienses. Sendo assim, não podemos dizer que é exclusivamente de uma cultura, visto que é um verbo usado em todo território nacional, dicionarizado pelo Houaiss e datado, de acordo com o dicionário, ao séc. XIII como referência a hospedar-se por pouco tempo:

verbo



- 1 (prep.: em, sobre) colocar [algo] ou ficar apoiado (no chão ou em outro lugar, que lhe serve de sustentáculo, suporte); pôr, repousar <p. a mala> <p. a jarra na mesa> <p. o braço no ombro da namorada> <o lagarto pousava sobre a pedra>
- 2 (prep.: em, sobre); p.ext. pôr de leve, depositar de modo suave <pousou um beijo em sua face> <p. a mão sobre seus cabelos>
- 3 (prep.: em, sobre); fixar (o olhar) <pousou os olhos na moça>
- 4 (prep.: em, sobre) finalizar ou interromper voluntariamente o voo (ave ou qualquer engenho que voa), perdendo altitude até fixar-se em um ponto, uma superfície; aterrissar, aterrar <o pássaro pousou sobre o telhado> <a nave pousou na Lua> <o avião já pousou>
- 5 (sXIV) (prep.: em) fixar residência em; morar <p. apartamento>
- 6 (sXIII) e (prep.: em) hospedar-se por breve tempo; pernoitar, albergar-se <vai p. na casa da tia> <viajou quatro dias sem p.> <p.-se num albergue>

Significado obtido do Glossário gauchesco: “POUSAR, v. Pernoitar. || Descansar o pássaro depois de voar” colaborando com a afirmação de que este verbo é utilizado em todo território nacional.

LEXIA 15 - PURA BUCHA

A lexia “pura bucha” é significada pelos colaboradores como “algo estranho”, “desastroso”. Há no Houaiss 35 (trinta e cinco) entradas para “bucha”, entre elas algumas que signifiquem e denotem acontecimento desastroso, desagradável, contrariedade, mau negócio, logro”. Desta forma, acreditamos que é o que formou a lexia “pura bucha” como sendo algo completamente desastroso, ruim ou desagradável e usual para a comunidade de Amambai. Uma unidade lexical que signifique desaprovação.

Consideramos que essa lexia seja parte fundamental da identidade linguística do povo amambaiense também assim como as demais, por também compor a pluralidade linguística da língua. E, neste caso específico, de acordo com o Houaiss, tem origem lusitana e informal.

Considerações finais

Por fim, entre as lexias obtidas na tabela 1 (todas as lexias informadas pelos colaboradores) extraímos dela 2 (dois) grupos: as lexias unânimes (usadas por

informantes, homens e mulheres de 18 a 60 anos) e as lexias parciais (usadas unanimemente apenas pelos informantes de 41 a 60 anos).

As lexias apresentas em nossas análises compõe a fala de um povo: a comunidade amambaiense, à luz dos 20 informantes de pesquisa que são nascidos na cidade. E, assim como outros municípios do estado de Mato Grosso do Sul, de acordo com Reznik (2018):

A população de Amambai foi formada a partir de diversos movimentos migratórios, sejam eles internacionais (paraguaios, bolivianos, japoneses, alemães, portugueses, árabes) ou nacionais (“gaúchos”, nordestinos e paulistas). Palco de disputas territoriais desde os tempos coloniais, a região começou a receber fluxos migratórios, principalmente de “gaúchos” e paraguaios, a partir da consolidação da extração de erva-mate, o que se verificou após o término dos conflitos decorrentes da Guerra do Paraguai. Até os dias atuais, a cidade é marcada pela mobilidade espacial de diversos grupos (p.10).

Desta forma, essa multiplicidade linguística é a motivadora para que as unidades lexicais analisadas em nossa pesquisa estejam presentes no repertório linguístico dos informantes. São lexias que estão em grande parte dicionarizadas e, quando não, estão contidas nos glossários regionais, evidenciando as influências no falar amambaiense.

A afirmação de que as lexias apontadas pelos colaboradores são parte do falar e que constroem a identidade do amambaiense linguisticamente é uma assertiva de fato, contudo, não podemos confirmar que Amambai possua unidades lexicais próprias, ou seja, utilizadas exclusivamente por falantes locais. Entretanto, é possível afirmar, a partir de nossas análises, que há no falar amambaiense uma forte influência regional advinda de outras regiões do Brasil e até mesmo com influências portuguesa e guarani que justamente são responsáveis por essa pluralidade tão rica e identitária de Amambai-MS.

Entretanto, uma reflexão interessante de ser feita a partir dos dados apresentados neste texto diz respeito a relação entre língua e identidade percebida entre participantes desta pesquisa, isto é, o que o amambaiense considera como sendo um vocabulário “próprio” do lugar – da sua identidade linguística – não necessariamente é de uso exclusivo daquele lugar, então, de onde viria essa “sensação” de que a sua forma de falar é diferente da fala do outro?

De acordo com Ciampa (2003), estamos envolvidos em um contínuo de constituição de identidades está presente uma unidade composta de dois polos distintos, opostos e complementares: identificação e diferenciação, isto é, somos ao mesmo tempo semelhantes e distintos de outros. Sendo assim, a definição de si mesmo, ainda que parcialmente possível, se torna realizável tendo claro o que não sou eu e isso serviria, neste trabalho, também para definir o que pertence ao ou não pertence a comunidade de fala amambaiense. Para a autora, esse processo de diferenciação entre o Eu e o mundo confere caráter distinto e único. Com isso emerge uma necessidade de identificação, reconhecimento e pertencimento a um grupo, dado que somos seres sociais por excelência que se constituem na e pela linguagem.

Os estudos que tratam da identidade (HALL, 2006; WOODWARD, 2000; dentre outros) afirmam que há uma estreita relação entre a constituição de uma identidade e os processos sociais vividos pelo sujeito, pois o indivíduo se reconhece como tal não diretamente, mas a partir do olhar dos outros, do grupo social ao qual pertence e da configuração da sociedade em que vive. Sendo assim, a noção de identidade envolve negação, diferença, reconhecimento e não reconhecimento.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005) a variação linguística, que já foi vista na história da ciência linguística como uma ruptura da unidade do sistema, é concebida hoje como um dos principais postos à disposição dos falantes para cumprir duas finalidades cruciais: a) ampliar a eficácia de sua comunicação e b) marcar sua identidade social (p. 175). Isto implica dizer que “todo ato de fala é um ato de identidade. Para a autora, a linguagem é o índice por excelência da identidade.

Esta relação da linguagem com a identidade é tão presente no nosso cotidiano que costumamos dizer que a linguagem denuncia o sujeito ou então denuncia “o lugar do sujeito”, isto significa dizer, pela linguagem de uma pessoa podemos identificar traços de seu status social, de seu grupo cultural, de seu nível de escolaridade, de suas crenças e valores etc. Sendo assim, podemos afirmar que é por meio da linguagem que o sujeito diz ao mundo quem ele é e, ao mesmo tempo, identifica quem é “igual” a si ou quem é “diferente” de si. Portanto, podemos sugerir que os participantes deste estudo, ao usarem

as lexis listadas, identificam-se como participantes de uma determinada comunidade ao mesmo tempo que identificam aquele (ou aqueles) que falam diferentes do seu grupo.

Por fim, julgamos a relevância de nossa investigação linguística visto a preservação das lexis adotadas além de ser mais uma contribuição aos estudos de Análise e Tratamento do Léxico para o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Ressaltamos que intencionamos em continuar observando os dados, até porque as lexis coletadas tornaram-se fonte de reflexão acerca de uma cultura tão plural.

Referências bibliográficas

- BIDERMAN, M. T. C. Glossário. **Alfa**, São Paulo, 28(supl.):135-144, 1984.
- BIDERMAN, M. T. C. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras De Hoje**, 22(4), Porto Alegre- RS. PUCRS. 1987. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17049>. Acessado em: 25 jun. 2023.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: https://dlev.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acessado em: 25 jun. 2023.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística (linguística quantitativa e computacional)**. São Paulo - SP. Martins Fontes. 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- CIAMPA, A. C. A Identidade Social como Metamorfose Humana em Busca da Emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico. Peru. **Revista Interamericana de Psicologia da SIP** (ISSN 0034-9690), 2003.
- COSTA, D. de S. S. **Vocabulário dialetal do centro-oeste: interfaces entre a lexicografia e a dialetologia – V. II**. 2018. 352 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) - PPGEL, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina-PR, 2018. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/tese_daniela_s.s._costa._vocabulary_dialetal_do_co_0.pdf. Acessado em: 25 jun. 2023.

COSTA, D. de S. S.; ISQUERDO, Aparecida Negri . "MENINO", "GURI", "PIÁ", "CURUMIM" e "MOLEQUE" NAS CAPITAIS BRASILEIRAS: contribuições do Projeto ALiB. In: Abdelhak Razky; Alcides Fernandes de Lima; Marilúcia Barros de Oliveira; Eliane Oliveira da Costa. (Org.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. 1aed.Campinas - SP: Pontes Editora, 2014, v. 1, p. 139-153.

CRACCO, R. B. CARVALHO, L. C. Cidade, Memória e História. In: FACHIN, V. S.; RODRIGUES, M. A. Z.; DEFFAACCI, F. A. **Amambai: 70 anos de história**. - 1. ed. - Dourados [MS]: Seriema, 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lobo. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

REZNIK, L. A cidade, suas gentes e suas histórias. In: FACHIN, V. S.; RODRIGUES, M. A. Z.; DEFFAACCI, F. A. **Amambai: 70 anos de história**. - 1. ed. - Dourados [MS]: Seriema, 2018.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

NETO, J. S. L. **Glossário de termos gauchescos**. Disponível em: <http://pelotas.ufpel.edu.br/glossario.html> Acessado em: 25 jul. 2023.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Recebido em: 23/10/2023 | Aprovado em: 18/07/2024
Publicado em: 28/07/2025
